

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 445

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 13600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 23400 rs. e sendo duas 45000 rs.—Semestre 13250 rs.—Brazil, anno 43400 rs.—Semestre 23300 rs. moeda forte, ou 103000 reis e 53500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—SABBADO 15 DE
JANEIRO

A verdade.

Discorra o entendimento, antes que se agrupem malquerenças; que o interesse sublime dos principios mais carece da abnegação, do que as miserias contemplanças da individualidade exigem o sacrificio de altos desígnios e de elevadas aspirações.

De máo aviso anda quem lê a verdade do que escrevemos apenas atravez um prisma de efemeris preconceitos. Ha quem tremia ao ouvir a voz da verdade, só pelo receio de que o inimigo saiba a côr que ella tem.

Confessemos que isto é cerrar os olhos á luz com medo que ella queime os que a não vêem.

Não podemos ainda descobrir com que interesse a nação legitimista quer viver em uma illusão eterna! A filosofia do erro não pôde ser omnipotente, como a voz da mentira e a manifestação de embustes enfraquecem e ridiculisam quem d'elles usa.

Em face do paiz legitimista não fallamos ás cañilas da revolução. Não podemos ir segredar ao gabinete do homem que pensa, á officina do operario que trabalha, ou ao campo do lavrador que se banha no suor das lidas, quizes tem sido nossos erros, e quizes são as mais legitimas aspirações da politica em geral e da nossa patria em particular. O meio de lhes fallarmos é este, e só este.

Mas se querem que o que disemos não seja sómente para os homens da nossa politica, então tire cada um as conclusões que lhe pertencem.

Aos nossos disemos: o ocio é a morte; o desfallecimento moral é o aniquillamento das crenças; o abandono dos esforços é a deshonra; uma aspiração sem trabalho é um absurdo inepto.—Unir, unir, mas trabalhar. Só se desuna quem preferir a morte da nossa politica e das nossas esperanças. Mas trabalhemos nós sempre, por que o trabalho é a vida. Não é legitimista quem não tem a resolução completa. Diz Vieira que o homem irresoluto quer e não quer, porque quer os fins sem querer empregar os meios. Triunfar sem trabalhar é querer viver sem alimento, querer caminhar deitado, querer despertar dormindo sempre, querer que o sol brilhe n'uma escura noite! *Vult et non vult piger.*

Quem não acreditar n'isto e quem fingir não acreditar, ou é tolo sem mistura, ou é traidor sem pejo.

Pouco nos importa que meia duzia de homens, inuteis para tudo, nos levem á má conta, por não terem nem opinião, nem dedicação, nem discernimento proprio. Esses homens, que ha em todos os partidos, e os tem havido em todos os tempos, são o joio do trigo e os gafanhotos da ceara. Esses não prestam nem para a causa nem para si. Esses são os que se ajoelham deante de qualquer altar, sem se importarem qual é o Deus que alli se adora. O altar para elles é só altar: o mesmo é que esteja alli Christo ou Satanaz. Ensinaram-lhes a orar materialmente deante dos altares, eis tudo. São sabujos da qualquer graode, porque ouvirem dizer um dia que era grande; e estão ainda a genuflectar para o occidente porque viram pôr-se d'alli o sol, sem se occuparem se elle já voltou do lado opposto. Estão identificados com o seu nada e do nada vivem.

Para estes não fallamos nós, mesmo quando fallamos aos legitimistas; pois que tomaram elles o nome da nossa politica como um alcunha, mas na realidade não são mais do que um armazem de ridicu-

las baforadas, e um thesouro inexgotavel de ineptia e de cabeçudo pyrronismo.

Fallamos entre os legitimistas que desejam restaurar as nossas crenças sem os erros do passado, os que querem que o futuro seja para todos os portugueses sem exclusões de espurios, que os não tem a patria; os que conhecendo que valem alguma coisa não esperam que ninguém faça o que lhes pertence a elles fa-er. Os que desejam reformas uteis e os interesses do povo, mas que se não oppõem a ellas n'uma opposição systematica ao que é do progresso legitimo, da moral, dos costumes, dos melhoramentos publicos, da sciencia, da economia, das artes e das industrias. Os que desejam um futuro para o paiz, e não um paiz para um corrilho de imbecis ou de invalidos.

Pois é entre esta clas-e de legitimistas que nós apostolisamos a *união e a actividade*. Os outros, que importa que nos escutem ou não? Porque temos toda a pureza dos principios da legitimidade, como base de toda a justiça e de toda a ordem, como fundamento da paz e da felicidade das nações, queremos sacrificar por estes principios todas as nossas forças. Não queremos morrer esperando uma coisa que se não sabe o que é, nem quem nol-a trará; preferimos morrer lutando por uma coisa nossa, definitivamente util para o paiz em que nascemos, em harmonia com os principios que nos legaram nossos paes, pela religião que professamos e pela patria que amamos sinceramente. Se não chegarmos a lograr o triunfo, será elle para nossos filhos a quem deixamos o caminho aberto, e o exemplo honroso.

Temos errado, todos o sabem: é indispensavel que mudemos de rumo, todos o vêem.

Isto pôde e deve dizer-se a amigos e a inimigos. Para os amigos isto significa: devemos pôr os olhos na historia para nos corrigirmos, devemos unidos caminhar para o porto, com os olhos na nossa estrella, porque aliás se essa estrella está alli, e se não tiramos os olhos d'ella, ou estaremos sempre no mesmo ponto, sempre sem que o porto caminhe para nós, ou andaremos como os remadores, com os olhos no céu, caminhando sempre para traz. Tem havido erro na politica que temos seguido, erro demonstrado pelo tempo, e cujas consequências são a d.bilidade em que está a nossa politica, e as deserções que infelizmente lamentamos. Esta politica se por ora está anemica, amanhã estará cadaver se lhe não acudirmos de prompto. Se os chefes de hontem o querem ser de amanhã, façam por merecer este titulo. Não conhecemos pessoas n'este logar: aqui conhecemos os principios, e os serviços de cada um dos que os defendem. Só a esses e para estes temos culto. No que é particular e pessoal veneramos a todos, sem excepções nem animosidades por agravos, que já perdámos em nome e em honra da causa, que é mais do que nós, e do que todos. Eis a verdade que a ninguém deve destoar: queremos a reconciliação, queremos a união, queremos trabalhar e vencer, mas que se trabalhe com senso commum, sem fortificarmos em castellos d'areia, nem nos alimentarmos de illusões de novella.

Temos dito isto infinitas vezes; não sabemos já como o accentuar melhor, para que o comprehendam bem. E se este é o accordo de todos, se ninguém tem coragem de o negar, para que se vem com calumnias torpes ou com allegações necias responder á verdade, tão clara como a luz, tão leal como o que é mais nobre e cavalheiresco? A consciencia publica o julgará.

Que importa que os inimigos oiçam que disemos isto em familia?

Que podem comprehendêr d'aqui os que, desenganados do que é a revolução,

vivem ainda debaixo de outras bandeiras á espera do momento de se reconciliarem connosco, ou aquelles que, irreconciliaveis, nos apontam como modelo de tyrannia, como engeitados da patria, como despotas condemnados com o passado, como genios do mal, que nas trevas buscamos tolher o passo ao progresso, e voltar com a sociedade aos tenebrosos tempos da idade media?!

Que duvida ha em que taes homens oiçam o écco das vozes que saem do nosso campo?

Essas vozes, se lhes dizem que não pôdem temer-nos hoje, dizem-lhes tambem que aspiramos ao justo e ao grandioso. Que buscamos unir-nos e trabalhar para que triunfemos um dia. Que não queremos restabelecer velharias nem restituir ao paiz os condes de Bastos e as forças, os ferretes das nossas ordenações e as chibatas do antigo exercito. Queremos a nação constituída pela vontade da nação, legitimamente representada nas suas côrtes; mas não queremos uma liberdade tyrannica, imposta pela lei da força e sancionada pela revolução, protegendo a corrupção e promovendo a anarchia.

Queremos que da nossa união e do nosso trabalho resulte podermos dizer ao paiz qual é o nosso caminho, para que, conhecidas as nossas intenções, possamos esperar e promover a unidade, a reconciliação de que tanto necessitamos, para volvermos a ser o que já fomos, e mais do que nunca fomos, pela nossa boa administração, p-lo nosso credito, pelo nosso patriotismo, garantidos por tudo quanto tem a solidez da legitimidade, desde o throno até á praça publica, desde o templo das leis até ao ultimo funcionario.

Como havemos fazer crer aos nossos adversarios, que somos aptos e desejamos acompanhar os progressos, se nos mostramos estacionarios, até quando a imperiosa necessidade de vivermos está sacrificada a uma indolencia perniciosa?

Como devemos esperar que a nossa politica viva no futuro, se o pouco que ahi resta do passado está já no derradeiro periodo da existencia, e a nova geração se deixa por uma educação descuidada, contaminar dos males da revolução?

Falta-nos acaso a experiencia? Vamos busca-la ás escolas, á Universidade por exemplo.

Ha 20 annos, a flor do partido legitimista existia alli. Talentos laureados, fazenda abundante, actividade esperancosa, aspirações arrojadas, ambições nobres, vontades decididas.—Eram fructo da arvore de hontem. Mal sasonado, tinha a dogura no succo e estava incorrupto. A mão do cultor que lançára aquella semente abandonára por sua inercia aquelles productos á voracidade dos vandalos. Quando despertou, esses fructos já não existiam para elle. Esperanças, ambições, sciencia, actividade foram conquistados pelos homens do presente para esmagar o passado. Poderíamos citar todos os nomes, se não fôra longa a lista.

E de anno para anno a deserção é maior.—Nas escolas entra-se legitimista e catholico: traz-se do lar domestico a religião que nos ensinam as mães educadas á moda de antigos tempos, traz-se a crença que ensinam a honra e a firmeza de principios dos paes, e vivem-se assim os primeiros dois annos. Findos elles, cada creança, abandonada a si e aos especuladores, faz-se um filosofo, e d'alli um socialista, um republicano, um racionalista, um atheu, um cynico! Quando volta a casa pergunta ao pae: o que faz a tua politica, meu pae?—O pae, que dorme, não responde, e o filho vai para onde o levam a filosofia que aprendeu e a sociedade corrompida, que o arrasta.

Entre mais de mil estudantes que hoje frequentam a Universidade, existem 70 que são legitimistas, filhos de familias legitimistas, todos em frequencias inferiores ao segundo anno das diversas faculdades. Do segundo anno para cima, não temos noticia de nenhum que não seja liberal, ou que pelo menos não diga: «eu respeito a politica de meu pae, que é legitimista, mas, homem da minha época, sou liberal.»—E' a locução em voga. Envergonha-se a geração nova de dizer que pertence a um partido que nada pesa na balança dos factos, e que é tido como uma caducidade rabujenta e impertinente. Coloca-se na ponte de passagem.

Queto lór imparcial dirá que esta geração é logica pois que é necessario dar-se á natureza das coisas o que lhe é proprio e justo. A intelligencia, que no seu vigor deseja e se entrega ao raciocinio, tem mais crença nos movimentos mais ousados e agitados das turbas, do que na vida morna dos moribundos: prefere as papoulas que nascem entre o matto bravo, mas livres, cheias da poesia e do bello da solidão campestre, ás rosas sem aroma, que a mão do coveiro plantou, de guarda aos ciprestes, á beira dos tumulos. A vida é para os vivos; os que dormem arremedam os cadaveres: se não são tão feios, pelos menos são tão inuteis como elles. Em redor dos cadaveres agitam-se só os vermes: sob um labaro que representa um principio, movem-se os que sentem dedicação e coragem. Não existindo quem se mova sob essa bandeira, ella não representa mais do que uma tradição ou uma lenda, que de bocca em bocca, de geração em geração, se altera até que se extingue. Será um movimento vivo e honroso de historia, mas é tambem uma pagina inerte, que se não compulsa nem para guiar os povos, nem para lhes conter as paixões, derivadas de novas luctas e de novas necessidades, que a época sugeriu.

Eis pois porque dizemos que o legitimismo em Portugal carece de acção, acção que fortifique, acção que eduque soldados para Deus e para a patria. Acção que atraia e não repila, acção que busque a paz na vida e não a tranquillidade da morte.

Para isto não aconselhamos nem queremos a surda conspiração nem atrevidas empresas, que acabariam de perder-nos no estado em que estamos. Isso seria hoje uma traição, e para traidores bastam aquelles, que, dizendo ter a nação legitimista fechada nas mãos, a vão hypothecar aos governos, permutando a honra e a actividade d'este corpo politico pelos seus interesses meramente pessoais; para traidores bastam os que mercatejem com nescios embustes, enganando o paiz para explorar a boa fé dos que acreditam no prestigio da roupagem com que se mascararam, e na honra dos escudos com que se resguardam.

O que aconselhamos é que se reuam, que se conheçam, que se contem, que se organizem os legitimistas.—Faça-se isto sem temor nem hesitação, á luz do dia, á sombra da lei. Diga-se ao poder—«aqui estamos, dentro dos limites que nos marcam os codigos, ao abrigo dos direitos communs a todo o cidadão portuguez. Venha a auctoridade vêr-nos, venha a espionagem escutar-nos».

Não chamamos á revolta, chamamos á ordem; estaremos á sombra das instituições vigentes, escudados pelas leis regulamentares, defendidos pelo artigo 145 § 1 da Carta Constitucional, como o está o partido republicano em Portugal, como está o proprio partido legitimista defendido pela lei n'outros paizes, como o tem estado já em Portugal, sempre que os seus chefes tem havido por bem convocar o para exercer o direito do sufraga-

gio, em proveito de um ou outro individuo.

Pois se a reunião, se a agitação dos legitimistas tem sido não só tolerada mas permitida ou solicitada para proteger individuos, que duvida ha que o póde ser também para proteger principios? Pois não é tudo permitido aos socialistas que ahí andam a atacar o código fundamental, perseguindo e insultando a religião do estado, combatendo e desacatando o throno e as instituições actuaes, conspirando até com os ibéricos de Hispanha para comprometterem a independencia da patria? Que muito é, portanto, que nos reunamos para manter a nossa dignidade, a nossa vida, a nossa força, apparecendo como quem somos, e tomando parte nas coisas uteis ao paiz?

Como queremos nós que o paiz confie do nosso zelo, se o abandonamos quando mais soffre? Porque não havemos entrar em numero do sanctuario das leis, protegendo as que beneficiam a patria, protestando contra as que a aviltam ou prejudicam?

A lamuria dos jornaes, lamuria systematica contra tudo, bom ou mau, não só é ridiculamente absurda, mas é um mal que affecta o paiz e que nos desacredita. Está cansada e é impotente.

Creiam: isto que dizemos está no coração da maior parte dos legitimistas, que um dia tomarão a resolução que o dever lhes aconselha. Todos vêem que a politica que seguimos é excepcional e nulla, e que estamos em contradição com os legitimistas de toda a Europa, que não são menos dedicados e menos avisados do que nós.

E' necessario que nos desenganemos de que estamos perdidos para sempre, ou estamos dominados por algum espirito nefasto que nos atraiça esterilizando-nos.

Salve-se quem poder e quizer. Hajamos coragem e entendamo-nos bem.

B. DE SENNA FREITAS.

A' redacção do «Commercio de Minho».

Londres, 31 de dezembro de 1875.

(Conclusão)

II.—Pela sentida morte do duque de Modena, uma das nobres victimas da revolução, e do anti-catholicismo inglez e maçónico (que é escusado procurar em outras causas á revolução e usurpações na Italia), veio, talvez, a Providencia Divina levando um homem justo a receber o premio de sua caridade e virtudes, favorecer a causa da justiça e da religião, na Hispanha; pelos meios que fornecerá a D. Carlos para conseguir o seu throno; que seria uma grande derrota á revolução anti-catholica. Aquelle fallecimento fez que a grande fortuna do duque, ao dividir-se por suas irmãs, viesse a dar aos filhos da mais nova, a mãe de D. Carlos, fortuna muito avultada. O «Vaterland» de Vienna diz, que o testamento do duque de Modena vem a dar a D. Carlos 2.500.000 francos de renda, e outro tanto a seu irmão D. Alfonso; e de mais a este ultimo um palacio. Sem duvida, tal acontecimento na conjunctura actual póde vir a ser de consideravel transboudancia, se com isso D. Carlos vence na Hispanha a revolução.

III.—O maior acontecimento porém que ultimamente, e ha muito tempo, se deu, é o que tem occupado ha quasi duas semanas a principal attenção do mundo politico e da imprensa, tanto na Inglaterra como no resto da Europa, e até na India e no Egypto.—E' o facto (que o telegrafo sem duvida logo para ahí communicou) da aquisição virtual pela Inglaterra do celebre e importantissimo Canal de Suez,—que ella fez quanto poude para impedir que os francezes o executassem, e agora se apoderou d'elle, e virtualmente vae apoderar-se do Egypto (emquanto o não tome colonia ou possessão sua) que n'isso virá a dar. Quando eu vi, logo depois da minha ultima carta ao «Apostolo», no «Times» um artigo arrogantissimo e um tanto furioso, a respeito da Turquia, da fraqueza do Imperio Ottomano, cuja existencia e manutenção era dantes artigo essencial de politica ingleza ha muitos annos; e acabando o tal artigo pela asserção nas ultimas duas linhas peremptoriamente, «e temos de apoderar-nos do Canal», ou antes, «e nos apoderaremos do Canal», que tal era o sentido indubitavelmente, entendi logo,

que estava elle virtualmente perdido para a França. Dois ou tres dias depois, appareceu o annuncio positivo, de que a Inglaterra tinha comprado o interesse que o Baxá do Egypto tinha no Canal; isto é que o Baxá tinha vendido á Inglaterra, por 4.000.000 lib. (por quatro milhões esterlinos) cousa de um terço das accções da Companhia do Canal. Com esse terço, e os meios de toda especie, que a Inglaterra tem para chegar ao seu fim será em breve—e virtualmente é já—senhora do Canal, e do Egypto em grande parte.

Para dispor das 4.000.000 lib. o governo não esperou por licença ou auctorisação do parlamento; porque sabe muito bem, que desde se trata de verdadeiros interesses nacionaes inglezes, cessam todas opposições e não ha mais que um espirito, e uma opinião. Assim vimos hoje toda a imprensa de todas as côres, bater as palmas, applaudir, declarar o negocio excellente, desculpar e louvar o governo por não esperar por auctorisação parlamentar para gastar aquelles milhões etc.; e o negocio está consummado.

Não me resta já tempo para tratar d'este assumpto como elle merece; escreverei sobre elle mais de asseio; hoje, quiz tratar do de Hispanha, por nos tocar mais de perto, moralmente sobretudo, pelas relações intimas e importantissimas que teve com a causa catholica—que é a do mundo.

A. R. SARAIVA.

Noticias d'Hispanha.

Como não recebemos correspondencia de Madrid, transcrevemos d'um jornal liberal a seguinte carta, que não deixa de ter seu interesse em vista da sua procedencia:

Alsasua, 29 de dezembro.—Falla-se muito na extincção do carlismo, e eu que estou aqui lidando constantemente com os seus chefes, e que vejo desfilar os seus soldados, devo dizer-lhe que a falsidade, com que se suppõe que essa extincção se consiga é uma illusão affonsista, ou antes uma illusão que os affonsistas pretendem transmittir á Europa, mas que elles reconhecem perfeitamente. Lembrem-se que Moriones, antes da batalha de Montejurra, promettia rapida conclusão da lucta, que Concha depois das duas batalhas de Somorrostro e da retirada de Bilbao, dava aos carlistas breve periodo de vida; e lembrem-se também que no momento em que Alfonso subiu ao throno, ha um anno, disse-se que a revolta morreria promptamente de inanición. E' certo que, durante os ultimos seis meses, muito se fez contra as mal commandadas e mal equipadas forças do centro e da Catalunha; na verdade, o carlismo, n'essas provincias, com excepção de poucos bandos, pode-se dizer que cessou de existir. Mas o exercito do norte existe muito devéras. Os rudes montanhesez, que o compõem, sabendo que numero esmagador de tropas vae ser arrojado contra elles, não mostram symptomas de desfallecimento. Visitei as varias divisões, e devo dizer que o desejo que se exprime unanimemente é o desejo de que o inimigo venha.

As populações da Navarra, Guipuzcoa e Alava nem estão impobrecidas, nem desejam ardentemente a paz. Querem-na sim, mas uma paz honrosa. Visitei uns poucos de mercados, e fiquei espantado do ouro e da prata que circulavam. Todos os pagamentos eram feitos em dinheiro. Devo acrescentar contudo que os hispanhoes gastam dinheiro muito facilmente, quando se querem divertir, mas resmungam quando o alquazil lhe apresenta a intimação para as contribuições. Esta guerra além d'isso é muito mais dispendiosa do que a celebre guerra dos sete annos. Os armamentos custam hoje muito mais caro do que então custavam. Pesso affirmar-lhe comtudo que D. Carlos conseguiu ter 30 a 40 mil homens bem armados.

Este exercito, commandado pelo conde de Caserta, irmão do ex-rei de Naples, divide-se em quatro divisões: A primeira, commandada pelo general Rodriguez, com o seu quartel general em Andoain, guarnece a Guipuzcoa, e tem por missão manter as linhas diante de S. Sebastião, e conservar aberta a fronteira de França desde Lastaola até Enderlaza; a segunda, commandada pelo general Perula, com o seu quartel general em Sarrauren, ao norte de Pamplona, guarnece a Navarra, cobre a estrada de França pelo Valle do Baztan, e destaca algumas foças para Estella e seus arredores; a

terceira commandada pelos generaes Caraca e Ugarte, deve vigiar a fronteira da Biscaya e a linha de Alava, desde Valmaseda até Santa Cruz de Campezo; esta linha tem na sua grande extensão o seu fraco; a quarta divisão chamada divisão de operações, composta de castelhanos, de valencianos e de cantabros, e commandada pelo general Cavero, acudirá aos pontos, onde mais necessaria fór. Estas quatro divisões sommam 32 a 35 000 homens, com 60 canhões e 1 200 cavallos. Os tercios ou as reservas da Biscaya e de Guipuzcoa elevam esta força a 40:000 homens. Os 60 canhões, em que fallamos, e em que se não incluem os de varios fortes, são dos sistemas Whitworth, Vavassour e Woolwich.

Contra este exercito marcham 80 a 100:000 affonsistas.

Loma, com o seu corpo de exercito, avançará provavelmente pelo Val de Meña, na provincia de Burgos, entre Valmaseda e Orduña. Se conseguir forçar a linha de Caraca n'essa direcção, marchará naturalmente sobre Bilbao para livrar essa cidade do seu bloqueio parcial. Quesada, pondo a sua columna em movimento das visinhanças de Victoria, marchará provavelmente por Ochandiano, Aramyoa e Mondragon. Aqui encontrará os alavezes de Ugarte. Se fór feliz, ficará ameaçada as posições de Durango, Vergara e Azpeitiz. Poder-se-ha tentar n'esse caso a junção dos exercitos de Loma e de Quesada, e a Biscaya ficará completamente occupada, e a reatguarda da linha carlista, que bloqueia S. Sebastião muitissimo comprometida. E' provavel que em linha não se possa manter. A columna affonsista, que está entre Lumbier e Pamplona, marchará indubitavelmente contra Peralta, enquanto outra divisão madrileña, debaixo das ordens de Delatre, avançará do Aragão superior para penetrar na Navarra, passando por Val Carlos no longo da fronteira Franceza. Haverá talvez poucas forças carlistas entre Vianna e Estella, n'esta ultima cidade a guarnição se- ra, quando muito, de dois mil homens. Então Martinez Campos avançará com o seu corpo de exercito de Logroño e Calahorra, na Navarra Meridional, por Los Arcos, Allo, Dicastillo e Lerin, e, estando as forças da Navarra septentrional, da Biscaya e da Guipuzcoa, mais ou menos entretidas com os inimigos, encontrará facil caminho para Estella. Resta saber se a divisão de operações de Cavero poderá infligir algum choque grave a Loma, a Quesada e a Martinez Campos, ou ás columnas de Pamplona e Aragão. E natural que uma sortida da guarnição de S. Sebastião, que está hoje muito reforçada, debaixo das ordens de Moriones, opere uma diversão importante. Ahí está pois a situação dos dois exercitos, e ahí vão também indicados os planos provaveis de ataque.

Posso affiançar-lhe que D. Carlos não mostra desalento de especie alguma. Affirma que espera que rebente novo movimento insurreccional nas provincias orientaes, e diz que, ainda que tenha de abandonar Estella, não julga que a sua posição seja por isso menos excellente. Compara a sua situação com a dos austriacos depois de Solferino, com uma differença que os austriacos supuseram a campanha perdida, e não aproveitaram o quadrilatero, e elle não está disposto a fazer o mesmo.

LIVROS E IMPRESSOS

O DOURO ILLUSTRADO — ALBUM DO RIO DOURO E PAIZ VINHATEIRO, CONTENDO INTRODUÇÃO HISTORICA E DESCRIPTIVA DO PAIZ VINHATEIRO.—DESCRIPÇÃO DAS PRINCIPAES QUINTAS E DOS TRABALHOS VINICOLAS USADOS NO DOURO.—NOTA SOBRE O COMMERCIO DOS VINHOS DO PORTO, SERVIÇO E TRABALHO DOS ARMAZENS E ESTATISTICAS COMMERCIAES. Redigido pelo visconde de Villa Mayor.

Estão publicadas as duas primeiras cadernetas d'esta magnifica publicação, de que são editores os snrs. Magalhães & Moniz, do Porto. Acompanham as cadernetas que temos presentes duas lindissimas gravuras representando a Casa e quinta de Noval e a Folgosa. Esta obra é escripta em portuguez, francez e inglez, e impressa o mais nitidamente possivel, em optimo papel.

Para não restar duvida sobre o merito do «Douro Illustrado», basta recordar o venerando nome do seu auctor, o sr. visconde de Villa Mayor, actual chefe do primeiro estabelecimento litterario do paiz,

e cuja profunda e vasta erudicção é bem conhecida de nacionaes e estrangeiros.

O «Douro Illustrado» compor-se-ha de 200 paginas de texto, aproximadamente, e será adornado de 24 gravuras, e dois mapps,—impressos pelo sistema de fotolitografia, tendo o maior um metro de comprimento, e 0,40 de largo, representando o curso do rio Douro e suas margens, desde a fronteira até á Foz, com indicações dos pontos rapidos e difficéis á navegação, e o outro a antiga circumscripção do Alto Douro,—e 10 vinhetas intercaladas no texto.

Felicitemos os snrs. Magalhães & Moniz, pelo importantissimo serviço que prestam ao paiz com a publicação d'esta obra, sem contestação, uma das mais notaveis e uteis dos nossos tempos.

As pessoas d'esta cidade que desejarem assignar o «Douro Illustrado», pódem dirigir-se ás livrarias dos snrs. Joaquim Januario da Silva, E. Chardron, e Germano J. Barreto. E' dividido em 25 cadernetas a 20 reis cada uma. A obra completa custará 6\$000 reis para os que não forem assignantes.

—O AMOR DOS AMORES, romance de H. Perez Escrich—Versão de Cruzeiro Seixas.

Distribuiu-se o fasciculo n.º 6 d'este interessante romance, editado pela «Bibliotheca do Cura d'aldeia».

—THE SOURO DO SACERDOTE, pelo padre José Mach, missionario da Companhia de Jesus—Traduzido, com approvação do auctor, da setima edicção, pelo padre Manuel Ferreira Maroco e Sousa.

Recebemos a primeira folha d'esta obra que tem a approvação e recommendação da Sagrada Congregação dos Ritos, de muitos cardeaes, prelados hispanhoes, francezes, italianos, etc.

Fallando do «Thesouro do sacerdote», diz o seu illustrado traductor que é, inquestionavelmente, uma obra prima de saber e piedade, propria como nenhuma outra a formar, pela riqueza da doutrina e unção evangelica, sacerdotes perfeitos e uteis na sanctificação das almas.

E', pois, como que indispensavel a todo o sacerdote a aquisição d'esta obra, cuja publicação se deve ao inextinguível editor portuense, o sr. Ernesto Chardron.

Do esmero e fidelidade da traducção são garantia os creditos litterarios do traductor.

—OS ESCRAVOS DE PARIZ, por Emilio Gaboriau—Versão de Alfredo de Sarmiento e L. Quirino Chaves.

Fomos obsequiosamente briados pela bibliotheca «Serões Romanticos» com um exemplar d'este romance, segundo das publicações ultimadas por aquella acreditada empresa editora.

Os nossos trabalhos quotidianos não nos tem permitido concluir ainda a sua leitura; todavia não duvidamos recommendal-o aos amadores de novellas, productos d'uma imaginação fertilissima, qual a de Gaboriau, para illudir gratamente a compridão d'estas interminaveis noites d'inverno.

Agradecemos aos snrs. Bailem & C.º os termos honrosos que acompanham a sua estimavel offerta.

LITTERATURA

BIBLIOGRAPHIA

«A APOLOGIA DO CHRISTIANISMO» OBRA EM 3 VOLUMES, TRADUZIDA DO ALLEMÃO E EDITADA POR ERNESTO CHARDRON.

Embalde se constroem sistemas philosophia; embalde o materialismo affirma que a força é uma propriedade essencial da materia, que a materia e a força são eternas, que Deus não existe nem tão pouco se precisa d'elle cá para que as espheras luminosas continuem a vibrar aquellas harmonias, que tanto enlevavam os discipulos do philosopho de Samos; embalde o dynamismo se lança na arena com a aureola de Archimedes na frente, com o inventi nos labios e no esplendor dos olhos, para assegurar ao mundo que o atomo é uma mentira, e que a monada, atomo incorporeo, inextenso é tudo; embalde o pandinamismo brada rouquejante pela reforma, murmurando com aves de Sewedenborg, o illuminado:—não ha monadas, é tudo movimento! embalde o evolucionismo, filho legitimo do transformismo, vae buscar a ori-

gem dos Kant e Schiller aos protozoários! embalde; a philosophia christã, nascida sob as viridentes balsas da Idumeia, despida d'essas transcendências, d'esses arabescos anti-diluvianos, a philosophia christã sempre de pé, sempre immutavel como a fonte d'onde procede, será sempre bella e divinamente seductora, porque é o symbolo da verdade augusta.

O livro que hoje mencionamos faz a apologia do christianismo, eleva esta religião, como unica realmente verdadeira, acima de todas as theogonias do mundo. O dr. Hettinger, estudando todas as religiões, todas as seitas, conclue affirmando e assegurando, de uma maneira irresponsivel, que ao lado da crença do Calvario, junto das paginas divinas do Evangelho, é tudo pallido e frouxo como a mentira ao lado da verdade.

E' admiravel e soberbo o modo como o grande pensador allemão refuta e stigmatiza todos os sistemas de philosophia que affastam o rei da criação do rei do Universo, quer esses sistemas irrompam de uma poderosa intelligencia como a de Buchner, quer se baseiem em mil theorias engenhosas.

Nos tempos que vamos atravessando, em que o riso de Voltaire parece estalar de novo no centro da sociedade, em que as blasfemias de Diderot encontram eco no corrupto das gerações hodiernas, em que o racionalismo quasi domina todo, e Le Conte e Littré começam a tomar vulo, n'uma epocha, em fim, em que Darwin, tenta tornar provavel a hypothese da origem simiana do homem, o apparecimento de um livro como a «Apologia de Christianismo» é um verdadeiro acontecimento.

Ahi tendes a obra do doutor Hettinger: não é sómente um poema de flores, de sorrisos, de asombros, de maravilhas, de insensu divino como sabia escrever Chateaubriand; é mais alguma coisa: é um estudo profundo, cheio de senso, de logica e de critica.

Lêmos o livro e sentimos no fim a consciencia dizer-nos: admiravel.

Se o bello é, como disse Platão, o esplendor da verdade, heis-de encontrá-lo na «Apologia» em todas as paginas, em todos os periodos.

Escrevendo estas linhas não criticamos, nem sequer apreciamos a «Apologia do Christianismo»; prestamos simplesmente preito e homenagem ao doutor Hettinger, que, n'uma epocha de extravagantes theorias, se atreveu a escrever não um livro, não uma obra importante, mas um verdadeiro monumento.

Estude-o o clero, medite aquellas paginas profundas como a ideia que eternizam, analyse-o tambem a mocidade que as mais das vezes escreve e falla para obedecer unicamente ás positivas e intransigentes determinações da moda, e verá o primeiro como, ao terminar tão apreciavel leitura, se sente forte e robusto para desfazer todas as objecções que por ventura lhe apresentem, e a segunda, a mocidade, verá cair tambem ante si o muro de bronze que lhe obscurecia a intelligencia, e sorrirá jubilosa ao sentir-se respirar sob o firmamento azul da verdade e da certeza.

GAZETILHA

Ratoneiros.—Por volta da 1 hora da madrugada do dia 12, o sr. Augusto Valadares, que passava pela rua de Santo André, encontrou uma escada lançada á parede que mura o quintal do sr. Novaes, d'aquella rua; e suspeitando ser indício de ratoneiros, chamou um serralheiro, alli visinho, para ficar de atalaia em quanto que aquelle cavalheiro foi á cadeia requisitar força armada.

Com auxilio d'esta, de mais algumas praças da guarda do Banco do Minho, do sr. capitão Guilherme e do sr. Parada, deuse busca aos muitos quintaes que ficam entre aquella rua e o lado-norte do campo de Sant'Anna, afim de perseguirem uns dois ou tres ratoneiros, que foram avisados a principio, sendo, porém, baldados todos os esforços, em virtude da quantidade e extensão dos quintaes. Encontraram-se alguns objectos e roupas que tinham sido furtados d'uma varanda da casa da sr.^a D. Maria Ignacia, e duas escadas igualmente furtadas d'uma loja de lenha pertencente á mesma; do telhado haviam principiado a tirar algumas telhas o que faz crer que o assalto era reservado para a referida casa.

O facto de serem tiradas as escadas da loja, faz suppor que entre os ratoneiros houvesse algum para quem aquella casa

não fosse completamente desconhecida.

Jury commercial.—O jury commercial, a cuja eleição se procedeu no dia 9, ficou composto dos seguintes snrs.:

Manoel Luiz Ferreira Braga, Clemente José Fernandes, José Antonio de Faria, e Antonio José Pereira, para vogaes effectivos; e Domingos Pereira d'Azevedo e Jesé Antonio Ferreira Braga, para supplementes.

Theatro de S. Geraldo.—Na quarta feira tivemos no theatro de S. Geraldo uma recita dada pelo celebre actor Tabor da e pela estudiosa actriz Anna Pereira.

Subiram á scena as comedias «Amor Loudrino», «Ditosa fado», e as scenas-comicas «Thio Matheus» e «Abaixo os homens», esta desempenhada pela actriz Anna Pereira, que agradeceu.

A concorrência foi grande, atraida pelo renome do actor Tabor da.

Oração fúnebre.—O centro reformista de Lisboa convidou o sr. conego Alves Matheus para fazer a oração fúnebre nas exequias por alma do finado Marquez de Sá da Bandeira,—convite que foi aceite.

Temporal.—Segundo noticia o telegrafo, houve no dia 3 do corrente um grande temporal na ilha da Madeira, que causou bastantes prejuizos nos navios ancorados no porto do Funchal. Naufragou a vapor «Valente», que estava para ser vendido para a fiscalisação da alfandega n'aquella ilha.

Banco Mercantil de Braga.—Por falta de espaço não damos hoje a noticia respeitante a este banco, o que faremos em o n.º seguinte.

Eleição em Hispanha.—Da correspondencia de Madrid para a «Palavra» extrahimos o seguinte:

A candidatura talvez mais combatida pelo poder é a do sr. Nocedal em Celebrava (Galliza), fundando-se em que sua eleição seria um insulto lançado pelo partido carlista á face do monarcha, dadas as conhecidas opiniões d'aquelle importante homem publico. Effectivamente o sr. Nocedal, que havia sido ministro de Izabel II, e é uma das mais legitimas glorias da tribuna hispanhola, esteve ultimamente com os amigos de D. Carlos, aos quaes capitaneou nas primeiras côrtes reunidas sob o reinado de D. Amadeu, e esteve com elle, porque, segundo suas declarações, lhe satisfazião seu programma religioso e politico; porém nos momentos actuaes apresentam-n'o só como candidato catholico, comprehendendo os que o fazem os grandes serviços que podem prestar sua auctoridade e eloquente palavra, e sua energia de character.

O que ha no fundo d'esta opposição é um regular medo a que promova de novo as grandes tempestades parlamentares que lhe grangearam justo renome nas côrtes de 1854 a 1856, sendo mui joven; e um rasgo de vaidade do presidente de conselho de ministros que não quer encontrar-se com seu vencedor no parlamento de 1864 sobre questões historicas.

Caminho de ferro do Bougado a Guimarães.—No dia 1 do proximo levereiro principia o pagamento do juro das acções da companhia concessionaria d'esta via ferrea, relativo ao segundo semestre findo.

Modificação.—A linha d'observação da raia no Alto-Minho, foi modificada pela seguinte forma:

Caçadores 7 fornecera Monsão, Lapella, Ponte do Mouro, e Valladares; infantaria 8 Melgaço, S. Gregorio e Castro Laboreiro; infantaria 3 Barca, Lindoso e Peneda.

Exposição na Philadelphia.—O sr. Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, director do instituto industrial do Porto, obteve dos principaes industriaes de Braga, Vianna e Barcellos a promessa de enviarem os melhores objectos que lhes for possível á exposição de Philadelphia.

Nova firma commercial.—A sociedade commercial que n'esta praça girava sob a firma de Valença & C.^a, ficou desde o 1.º do corrente girando sob a de Valença, Filho & C.^a, pela admissão do sr. José Fernandes Valença, antigo caixeiro d'aquelles honrados negociantes.

Fallecimentos.—No Porto falleceu ha dias o sr. José Antonio Coelho Pereira, negociante d'aquella praça.

—Em Ponte do Lima, o sr. Antonio José Coelho Rodrigues, veterano da guerra peninsular.

—Em Barcellos, o sr. João Malheiro de Magalhães Villas-Boas, contador do juizo de direito d'aquella comarca.

—Na villa da Barca, a sr.^a condessa do Casal.

—Em Felgueiras, o sr. Aloysio Guilherme Pereira de Faria.

—Em Coimbra, o sr. Mattos, conego da Sé.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

O Hospital de S. Marcos e as Irmãs Hospitaleiras

O meu fim não é a lisonja; é sómente demonstrar o quanto a Providencia vela pelo Hospital de S. Marcos de Braga, prendendo-o com as Irmãs Hospitaleiras, da Ordem Terceira de S. Francisco, vindas do Collegio de S. Patricio, em Lisboa.

E' fóra de duvida que n'um estabelecimento, que tem por base a religião, e por balisa a caridade, se observassem as regras que esta nos prescreve. Mas, observar-se-iam ellas no passado? a resposta pôde tirar-se da opinião publica.

Só o interesse é que alli tinha o principal dominio, d'onde provinha a differença no tratamento dos doentes. Eis o extremo até onde podia chegar a dureza do coração humano!! Mas não é hoje assim: estes adversos attentados que iam de encontro á mãe de todas as virtudes, já finalisaram.

Não é necessario que isto se demonstre, basta escutar a voz dos pobresinhos que, d'aquelle pio estabelecimento tem sahido, ou mesmo do que ainda lá se encontram; pois d'elles se ouvem geralmente estas palavras: «Fui tratado no Hospital de S. Marcos como se fosse uma pessoa de grande merecimento, com tanto cuidado, e dizendo-me palavras de tanta consolação, as senhoras enfermeiras, que só ellas pareciam alliviar-me». E' isto o que se ouve ordinariamente a qualquer canto d'esta cidade. E' pois sufficiente os pobres e é a elles que se deve a veracidade dos factos, porque estão isentos de toda e qualquer suspeita.

Sendo isto assim, e vendo a muito digna meza da Meza da Misericordia o excellente fructo, que se ia colhendo das tres Irmãs Hospitaleiras que primeiramente tinham vindo, pediu, viessem mais tres, que todas se acham no mesmo Hospital trabalhando de dia e de noite, já fazendo o que é necessario para o bem-estar dos enfermos, já dirigindo-lhes palavras de consolação e esperanza de um modo tal que parece estampar-se-lhes no rosto as dôres e afflicções dos mesmos enfermos.

Que mais admiraveis serviços se poderiam esperar e exigir das filhas de S. Francisco?!

Oh! como são sublimes as instituições que a religião de Jesus Christo inspira!... como são beneficos os seus resultados!...

Acaso poderá encontrar-se quadro mais pathetico e maravilhoso do que ver junto de um pobre enfermo, que no leito da dor com atrozes sofrimentos, uma d'essas mulheres cheias de meiguice dirigindo palavras de verdadeira consolação áquelle que, dentro em poucos momentos seja junto do throno de Deus um interessador por aquellas que na terra lhe eram allivio e conforto na dôr!!

Caridade, caridade! virtude nobre e sem igual, eu te venero, eu te adoro; e que as benções do céu chovam sobre quem te exerce na terra, é o que eu muito coração desejo.

Antes porém de concluir não posso deixar de dirigir á benemerita Mesa da Misericordia, merecidos elogios, pelo muito zelo e dedicação com que tem procurado melhorar as condições d'aquelle santo e pio estabelecimento, principalmente no que diz respeito á sua administração interna, com relação aos pobres enfermos, não só pela aquisição das illustres Irmãs Hospitaleiras, mas tambem na escolha acertadissima dos muito dignos capellães d'aquella Santa Casa. Prasa a Deus que tão acertadas providencias produzam, no futuro, aquelles preciosos fructos que todos desejamos.

AGRADECIMENTOS

Manoel Antonio Alves Ferreira e sua filha Maria Carolina Ferreira, não podendo, como desejavam, agradecer pessoalmente a todas as pessoas que os cumprimentaram e assistiram aos officios fúnebres, na capella de S. João do Souto, por occasião do fallecimento de sua sempre chorada irmã e tia D. Anna Joaquina Ferreira, o fazem d'esta fóma, protestando

a todos o mais firme e perenne reconhecimento.

A's irmandades das Almas de S. Vicente e Ordem Terceira de S. Francisco, tambem fazem o mesmo agradecimento por terem acompanhado ao cemiterio publico a referida sua irmã e tia, sentindo não poder fazer o mesmo ás irmandades de Santa Cruz, Almas de S. Lazaro e Sacramento, Almas de Santa Justa, Congregados, S. João da Ponte, Senhor do Monte e Senhora do Rosario de Freião, por terem deixado de cumprir com um dos maiores deveres, como é o de acompanhar seus irmãos á mausão perenne da igualdade. (2915)

Manoel Joaquim da Silva Areo, Antonia Maria Pinto Coutinho e José Joaquim Rodrigues, não podendo pessoalmente agradecer a todas as pessoas que lhes fizeram a honra de os cumprimentar e assistir ao officio de corpo presente, que por alma de seu pae e sogro Sebastião José da Silva Areo, que teve logar no dia 7 de corrente, na igreja da Sé Primaz, o fazem por este meio protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Egualmente agradecem a todas as pessoas que esperaram os restos mortaes do finado, e assistiram ao responso de supultura no cemiterio publico. (2920)

Joaquim Antunes Alves, agradece por este meio, a todas as pessoas de suas relações, tanto seculares como ecclesiasticos, de quem recebeu obsequios por occasião do fallecimento e enterro de D. Maria Rosa Soares Abreu Machado, cujos officios de sepultura tiveram logar na Real Capella da Misericordia no dia 7 do corrente a todos agradece e protesta seu eterno reconhecimento. (2908)

ANNUNCIOS

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Pessa, a requerimento de João Francisco da Silva Braga, Anna Maria da Assumpção, viuva, e irmã Luiza Maria, solteira, de maior idade, d'esta cidade, João d'Antas, Maria Thereza Lopes e marido João Pereira Barbosa, Anna da Silva e marido Bento Corrêa e Ursula da Silva e marido Antonio Francisco Gomes, todos da freguezia de S. Jeronimo de Real, comarca d'esta mesma cidade, correm editos de 30 dias a contar do dia 7 do corrente, a chamar e citar todas as pessoas incertas que tenham algum direito ou acção a opôr-se á justificação e habilitação que pelo mesmo juizo e cartorio promovem para se habilitarem como únicos herdeiros de João José Lopez Braga, ultimamente fallecido na cidade da Bahia, imperio do Brazil, sem deixar ascendentes ou descendentes, sendo porisso os justificantes e habilitantes os seus unicos herdeiros, o venham deduzir e allegar até á segunda audiencia posterior aos ditos editos, que vem a ser no dia 10 de fevereiro proximo futuro, pelas 10 horas da manhã no tribunal judicial no largo de Santo Agostinho, d'esta mesma, sob pena de revelia e lançamento, e de se julgar por sentença para todos os effectos legais e juridicos a presente justificação e habilitação. Braga 10 de janeiro de 1876. (2912) O solicitador—Torres.

CARTÕES DE VISITA E DE CASAMENTO

Imprimen-se na Livraria Catholica

DE

Joaquim José Vieira da Rocha,

10—Rua do Souto—10

BRAGA.

Preços: cada cento impressão e cartão branco liso,—400, 440, 450, 550 e 650 rs. Ditos tarjados para luto, impressão e cartão,—700 e 750 rs. (2870)

Rua de D. Pedro V n.º 77

Quem quiser arrendar uma casa de modico preço até o S. Miguel d'este anno na rua de D. Pedro V, falle na mesma rua n.º 77. (2907)

ARREMATACÃO

A requerimento de José Joaquim d'Almeida, viuvo, d'esta cidade, pelo cartorio de Motta, á face do inventario por fallecimento de Maria dos Desamparados Ferreira e Almeida, tem de andar em praça no dia 30 do corrente a propriedade denominada de Fund'Villa ou Cabido, na freguezia de Semelhe com todas as suas pertencas, todo com os unicos fóros de 20 rs. ao commendador de Merelim, e 200 rs. e uma galinha pelo prado ou campo do Cabido, e tudo na forma dos editaes de noticia. (2919)

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Pessa, se annuncia que no dia 16 do corrente pelas 10 horas da manhã, se tem de arramar á porta do tribunal judicial d'esta mesma, uma morada de casas de um andar, com quintal, designadas com o n.º 45 e citas na rua da Boa-Vista d'esta mesma, as quaes se acham avaliadas livres de encargos, em 203\$000 rs., foreiras no dominio directo ao rev.º cabido enphiteutica á casa das hortas, e se arrematam por deliberação do conselho de familia no inventario do fallecido Antonio José d'Oliveira Machado, morador que foi n'esta mesma cidade.

O solicitado

(2918) Paulino Evaristo da Rocha.

Declaração e protesto

D. Carolina da Rocha Pereira do Lago, actual senhora e possuidora da quinta de Passos, situada no lugar do mesmo nome, freguezia de S. Victor d'esta cidade, declara que nos prados chamados as Lameiras, que estava usufruindo o fallecido Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel, e que confrontam com terras do seu praso, ha terrenos pertencentes a esta, pelo que protesta haver todos os que estiverem fóra da medição, que lhe pertence. (2921)

BANCO MERCANTIL

DE
BRAGA

A direcção annuncia que desde dia 17 do corrente está em pagamento o dividendo do ultimo semestre, na razão de 1\$200 por acção; no Porto na sua agencia na Praça de D. Pedro, e n'esta cidade na casa do Banco, em todas as segundas, quartas e sextas feiras, desde as 10 horas da manhã até á uma da tarde.

Braga 14 de janeiro de 1876.

Os directores

José Joaquim Lopes Cardozo
João da Costa Palmeira
José Antonio Rebello da Silva.

Por ordem do ex.º vice-presidente da Assembleia Geral são convidados os snrs. accionistas a comparecerem na sede do Banco, no dia 22 do corrente pelas 12 horas da manhã para se proceder á eleição de dous supplentes á direcção.

Braga 14 de janeiro de 1876.

O secretario

Domingos Moreira Guimarães.

THEOURO DO SACERDOTE

OU

Repertorio das principaes causas que o Sacerdote deve saber para se santificar a si e santificar os outros

PELO

PADRE JOSE' MACH

Missionario da Companhia de Jesus

Obra approvada e recommendada pela sagrada congregação dos ritos, por muitos cardeaes, prelados hespanhoes, francezes, italianos, etc., e adoptada em varios seminarios como compendio de lithurgia e theologia pastoral, traduzida com approvação do author, da 7.ª edição consideravelmente augmentada e dedicada ex.º e rev.º sr. D. Americo Ferreira dos Santos Silva, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, bispo do Porto, do conselho de S. M. Fidelissima, par do reino, etc., pelo padre Manoel Ferreira Marnoco e Sousa.

A obra constará de dous grossos vo-

lumes como os do *Cathecismo de Guillois* ou da *Apologia do Christianismo de Heltinger*.

O 1.º volume estará á venda em e vereiro e o 2.º em abril.

Cada volume 800 reis, pelo correio 880 reis.

Recebem-se assignaturas até ao fim de janeiro na livraria de Ernesto Chardon, editor — Porto.

BANCO DA COVILHÁ

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados todos os snrs. accionistas d'este Banco a reunirem-se no dia 30 do corrente, por 2 horas da tarde, no edificio onde está installado o mesmo Banco, n'esta cidade, afim de se cumprirem as disposições do § 1.º do art. 18.º dos respectivos estatutos.

Covilhã 10 de janeiro de 1876.

O secretario da Assembleia Geral

Francisco Rodrigues Antunes Castanheira. (2922)

Banco de Guimarães.

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

São convidados os snrs. accionistas a reunirem-se em assemblea geral no dia 21 do corrente, pelas 10 horas da manhã, para os fins marcados no artigo 42 dos estatutos.

Banco de Guimarães, 10 de Janeiro de 1876.

O secretario da assemblea geral,

José Ribeiro da Silva Castro. (2914)

Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real.

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Por ordem do ex.º presidente da assemblea geral, são convidados os accionistas do Banco para no dia em que tiver lugar a segunda reunião da mesma assemblea, e que por esta ha de ser designado no dia 18 do corrente, se proceder á eleição de dous vogaes effectivos do conselho fiscal, que se acham vagos.

Banco de Villa Real, 10 de Janeiro de 1876.

O segundo secretario da assemblea,

Anselmo Pereira Bahia. (2913)

Banco Commercial de Braga

Convidam-se os snrs. accionistas d'este Banco a reunirem-se em assemblea geral no dia 19 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na casa do mesmo Banco, para os fins designados no art. 25 dos Estatutos, e ser discutido o relatorio e parecer do conselho fiscal apresentado no dia 10.

Por ordem do ex.º presidente da assemblea geral.

O secretario

Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu.

ARREMATACÃO

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Braga e cartorio do escrivão Pessa, se tem d'arrematar no dia 23 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na rua da Cruz de Pedra, casa n.º 4 A, a livraria pertencente ao fallecido bacharel Antonio Manoel Alvares, cujo producto legou ao Estado. O lance sobre a mesma deve ser superior a 90\$000 réis, e quando não houver quem a arremate, por este preço será entregue ao sr. Eugenio Chardon, pelo lance offerecido por elle, de 90\$000 rs., bem como uma meza velha que deixou de ser arrematada nas praças anteriores.

O inventariante

(2916) José Cardoso da Silva Guimarães

PIANO

Vende-se um piano d'ensino. Rua de S. Vicente, n.º 1. Póde ver-se a qualquer hora. (2917)

OPERARIA



GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DE

H. GUICHARD

Construidas por H. J. Petit, de Bruxellas

13—Praça de Carlos Alberto—14

PORTO.

N'este estabelecimento encontra-se á venda um grande sortimento de machinas de costura; para familias e costureiras, proprias para todo o trabalho de obra branca e fina de cor. Para alfaiates, estofadores, chapelleiros etc.; podendo executar toda a obra de panno e couro fino. De lanceadeira grande (levando 300 metros de fio.) Para calçado, correzmes, arreios etc. De braço, especifices para calçado, podendo metter elasticos e fazer toda a sorte de concertos.—Portateis, de mover á mão, podendo tambem funcionar com pedal, muito convenientes para familias. De bordar, executando admiravelmente toda a qualidade de bordados, a branco e cores, em relevo etc.; proprias para modistas, costureiras, estofadores, corrieiros: esta machina, uma das maravilhas da industria moderna, póde fazer a fortuna da pessoa que a possuir. De cravar calçado, que em poucos minutos cravam, parafusando com toda a segurança, um par de calçado. O resultado d'este trabalho é muito superior ao actualmente adoptado. De lavar, indispensaveis ao uso domestico, recomendaveis pela economia que resulta, não só da lavagem, como da conservação da roupa. Todas estas machinas são acompanhadas de um completo sortimento de accessorios que facilitam a execução de todas as obras.

Garante-se a perfeição e duração de todas as machinas vendidas, e attendendo-se ao perfeito trabalho e á solidez da sua construção póde affoutamente asseverar-se que não tem rival na modicidade dos preços. A fim de proporcionar aos compradores todas as vantagens, esta casa não só facilita o pagamento por prestações, mas tambem a aprendizagem, para o que fez vir do estrangeiro um artista perfeito conhecedor do machinismo, e duas senhoras, para praticamente darem as necessarias explicações. Ha completo sortimento de algodões, liphas, lãs e sedas, em todas as cores, para bordados e costura, assim como todos os accessorios e peças sobreselentes para as diversas machinas. Qualquer concerto de que necessitem as machinas vendidas n'este estabelecimento será feito immediatamente e com toda a perfeição. Executa-se a preço modico qualquer obra de bordados para modistas, estofadores, alfaiates, etc.

Este estabelecimento tem o exclusivo da importação, das machinas d'este auctor em Portugal.

Faz-se abatimento a quem comprar por atacado.

Deposito em Braga, em casa dos snrs. Almeida & Pereira. (2904)

COADJUTOR

Precisa-se d'um em uma freguezia proximo d'esta cidade. Quem se achar habilitado para isso queira participar n'esta redacção. 2901

Nova fundição de ferro e metaes

De Antonio Germano Ferreirinha
Travessa de S. João—Braga.

O proprietario d'esta officina funde toda a obra de ferro e metal, de qualquer tamanho e natureza que seja, assim como tambem faz memorias de ferro ou metal, tudo pelos preços do Porto, e com a maxima perfeição.

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo

e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trahido no Rio de Janeiro

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 28 de Janeiro.

MONTEGO

Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tuit, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas. (V.)

BANCO DA COVILHÁ

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

São convidados os snrs. accionistas deste Banco nos dias 10 a 15 do corrente, a fazerem a 5.ª e ultima entrada, de 20 por cento, ou 20\$000 reis por acção.

Covilhã—na sede do Banco.

Porto—Caixa Filial.

Braga—sr. João Manoel da Silva Guimarães.

Lisboa—snrs. Custodio & Silva.

Pede-se aos snrs. accionistas para declararem no mesmo acto os nomes em que devem ser passadas suas accções.

Covilhã 3 de Janeiro de 1876.

Os directores,

J. d'Amorim Vaz de Carvalho.
A. Baptista A. Leitão. (2906)

Novo estabelecimento de cera.

Rua Nova n.º 47—Braga.

Fernandes Pinto & C.ª participam por este meio a todo o respeitavel publico, e especialmente aos seus amigos e que já são seus freguezes, que se acham com estabelecimento de cera no citado local. Esperam pois, da benevolencia de todos, os coadjuvem, para o que tem um grande sortimento d'este genero. Incumbem-se igualmente de fazer caixões e habitos para funeraes, por preços muito razoaveis. (2905)



Extrai, cura e conserta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes com perfeição. Presta-se a chamados fóra da cidade. Consultorio, Campo de Sant'Anna n.º 1, das 8 da manhã ás 5 da tarde (2792)

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membro do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirijir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (T.)